



BOLSONARISMO E O EVANGELHO¹

Luca Lima Iacomini²

Resenha de:

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará*: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

Em 23 de novembro de 2022 aconteceu no Auditório Franco Montoro, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, a cerimônia do Prêmio Areté 2022. A premiação foi criada em 1991 pela Associação de Editores Cristãos. Um dos livros premiados foi *E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*, do jornalista Ricardo Alexandre, e publicado por uma das editoras de livros evangélicos mais importantes do Brasil, a Mundo Cristão. Após o recebimento do troféu, o autor escreveu em suas redes sociais:

[...] preciso admitir que meu sentimento maior foi de felicidade, em saber que o corpo jurado teve liberdade de premiar um livro que fala de uma cicatriz muito profunda na história da igreja evangélica brasileira – uma cicatriz que, infelizmente, está muito longe de se fechar. Que um livro assim tenha sido escolhido na categoria “Apologética” (defesa da fé), me enche de alegria e fé no futuro.³

Ricardo Alexandre trabalhou em renomados meios de comunicação, brasileiros como os periódicos *O Estado de S. Paulo*, *Época* e *Carta Capital* e o canal *Multishow*. Sua área de atuação é a crítica musical e, em 2010, foi vencedor do Prêmio Jabuti com a biografia do cantor Wilson Simonal, *Nem vem que não tem*. Alexandre é também evangélico, e a recente associação do cristianismo com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República o levou a escrever a obra aqui analisada.

Publicado em 2020, o livro apresenta dezesseis capítulos, cada um deles um ensaio sobre temas que considerou relevante na forma como sua fé foi associada a um projeto de poder político. Alexandre olha para o mundo em que vive e, a partir dele, recorre à Bíblia e a falas de figuras cristãs importantes, de conservadores a progressistas, para defender seu ponto de vista. A escolha do título faz referência a uma passagem bíblica muito utilizada por Bolsonaro enquanto este ainda era candidato, especialmente após dedicar seu voto no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, em 2016. Apesar do texto, retirado do evangelho de João, no capítulo 8 e verso 32, ser um aceno ao eleitorado cristão, Alexandre estabelece que

¹ Enviado em: 18.05.2023. Aceito em: 13.11.2023.

² E-mail: iacomini.luca@gmail.com.

³ Prêmio Areté. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmEOdyCOtuh/>. Acesso em: 23 de Mar. 2023.

Ao que parece, “conhecereis a verdade” não é uma promessa, mas um desafio. Jesus propõe àqueles homens que reflitam sobre si mesmos, que abandonem por um instante sua tradição corrosiva, sua empáfia religiosa, seu *status* de especialistas nas Escrituras Sagradas, sua aparência de santidade e sua ânsia por falar e, em vez de tudo isso, se dediquem ao precioso exercício de ouvir. Só quem permanece fiel aos ensinamentos de Jesus pode ser chamado de seu discípulo. Mas só pode ser discípulo quem tem ouvidos para ouvir o que o Mestre diz. Esse é o único caminho para a liberdade (ALEXANDRE, 2020, p. 18).

O livro traz duras críticas à forma como Jair Bolsonaro e seus aliados se apropriaram da fé para aproximação do público evangélico. O autor retoma sua experiência pessoal, quando logo em sua conversão chegou a mudar de igreja após seu pastor alegar ter recebido revelação divina para que os fiéis votassem em Paulo Maluf nas eleições de 1989. Aliás, um dos tópicos explorados por Alexandre é o messianismo, que define como “a ideia de que alguém foi designado desde a eternidade pelo próprio Deus para estar em um lugar específico, separado para uma missão específica – e, portanto, questionar um messias é questionar a vontade de Deus que o enviou” (ALEXANDRE, 2020, p. 28). A missão para a qual Bolsonaro supostamente teria sido designado seria o combate ao “marxismo cultural”, representado por várias frentes, dentre as quais “o globalismo, o relativismo, o feminismo, a cultura LGBT, as ONGs e todo o movimento ambientalista” (ALEXANDRE, 2020, p. 37), que foram representados por ideólogos da extrema direita como rivais da cultura judaico-cristã.

O jornalista também tece críticas ao Partido dos Trabalhadores, apontando seus aspectos controversos como a proximidade de alguns petistas com regimes como o venezuelano e o cubano e críticas de Lula à imprensa anteriores e posteriores às de Bolsonaro – apesar de o livro ser muito mais uma crítica à associação do movimento evangélico ao bolsonarismo. O autor também busca desconstruir a ideia de que ser cristão implicaria em assumir uma posição política à esquerda ou à direita, mas também demonstra que é, sim, possível que um cristão se posicione em um ou outro lado a partir de suas convicções de fé, como no caso dos pastores Franklin Ferreira, à direita, e Ed René Kivitz, à esquerda.

Ricardo Alexandre encontra em correntes pentecostais brasileiras um rigor moral que enxerga o mundo a partir de uma visão pessimista, além de uma ênfase na espiritualidade que se sobrepõe a realidade social. O autor também leva em conta o pensamento segundo o qual até “mesmo um crente fiel pode ir para o inferno se morre ‘em pecado’” (ALEXANDRE, 2020, p. 127), e como isso pode se transformar em um exagerado proselitismo religioso. O autor constata que estas são marcas que

[...] ajudam a explicar [...] porque sejam tão conhecidas as opiniões de nossos líderes a respeito da homossexualidade e tão pouco conhecidas suas opiniões a respeito de um assunto muito mais presente na Bíblia, que é a justiça social. Ajudam a explicar porque o eleitor evangélico prefere votar em um candidato com uma agenda moral do que em outro com agenda social – e isso mesmo entre eleitores mais pobres. Ajudam a explicar por que os políticos da chamada “Bancada Evangélica” respondam a processos por corrupção, peculato, crime eleitoral, uso de documentos falsos, lavagem de dinheiro e estelionato e se unam à chamada “Bancada da Bala” contra a Lista Suja do Trabalho Escravo e, ainda assim, sejam reeleitos e celebrados por tantos fiéis como verdadeiros homens e mulheres de Deus. Afinal, o que se espera deles é que aproveitem seus espaços para fazer proselitismo, lutem pelos interesses das instituições religiosas que o elegeram e tenham um discurso de preservação dos costumes. O resto são “questões sociais nas quais o evangelho não tem nenhum interesse real”, como ouviu Martin Luther King de pastores brancos do sul dos

Estados Unidos durante o movimento dos direitos civis nos anos 1960 (ALEXANDRE, 2020, p. 127-128).

Ricardo Alexandre retoma movimentos teológicos e políticos da história recente do Brasil e do mundo para explicar a adesão de evangélicos à campanha e ao governo bolsonarista. O leitor pode ter contato com assuntos como a insatisfação de brasileiros com a corrupção, o apelo ao público no amadorismo dos vídeos de Bolsonaro e a Teologia do Domínio. Muitas das referências utilizadas pelo autor não são obras de teólogos, sociólogos ou historiadores, mas notícias que podem ser facilmente encontradas na internet. Questões como essas, no entanto, não retiram o rigor com o qual o jornalista escreveu seu livro, que pode servir de muito proveito para pesquisadores que procurem compreender a relação de segmentos evangélicos com a política brasileira – incluindo os dissidentes do bolsonarismo.

Por fim, se fosse para resumir o conteúdo do livro em uma frase, seria a seguinte, manifestada pelo próprio autor: “A história da polarização política brasileira em geral, e do bolsonarismo em particular, é também a história de como a igreja evangélica abriu mão de sua independência profética em troca de uma agenda moral e de representatividade política” (ALEXANDRE, 2020, p. 189).

Referências

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

Prêmio Areté. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmEOdyCOtuh/>. Acesso em: 23 de Mar. 2023.